



**DISCURSO E RESISTÊNCIA NO DOCUMENTÁRIO NEM - NOVO ENSINO MÉDIO:
um fracasso anunciado*****DISCOURSE AND RESISTANCE MOVEMENTS IN THE DOCUMENTARY NEM -
NOVO ENSINO MÉDIO: um fracasso anunciado***Patricia Diógenes de Melo¹ - UERN 
Francisco Vieira da Silva² - UFRN **RESUMO**

O trabalho analisa, a partir de uma leitura discursiva, os movimentos de resistência que se manifestam na tessitura enunciativa do documentário NEM-Novo Ensino Médio: um fracasso anunciado (2023), do cineasta argentino-brasileiro Carlos Pronzato. O aporte teórico que norteia a análise reside especialmente em Foucault (1995; 2008a; 2010) acerca do discurso, das relações de poder e das estratégias de resistência. Em relação à metodologia, o estudo segue a arqueogenealogia foucaultiana. As análises deixam entrever que os movimentos de resistências constituem relações de força por meio das quais se busca criticar o NEM, reivindicando a sua revogação, de maneira a contrapor-se aos interesses mercadológicos que subjazem a essa mudança curricular.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Resistência; Novo Ensino Médio; Documentário.

ABSTRACT

This paper analysis, from a discursive reading, the resistance movements that manifest themselves in the enunciative texture of the documentary NEM-New High School: an announced failure (2023), by the Argentine-Brazilian filmmaker Carlos Pronzato. The theoretical support that guides the analysis resides especially in Foucault (1995; 2008; 2010) about discourse, power relations and resistance strategies. Regarding methodology, the study follows the Foucauldian archeogenealogy. The analyses reveal that the resistance movements constitute power relations through which they seek to criticize the NEM, claiming its revocation, to contradict the market interests that underlie this curricular change.

KEYWORDS: Discourse; Resistance; New High School; Documentary film.

INTRODUÇÃO

A reforma que instituiu o Novo Ensino Médio, doravante NEM, ocorreu num contexto turbulento do ponto de vista político e social. Após a destituição do mandato presidencial de Dilma Rousseff (PT), o então vice, Michel Temer (MDB), ascende ao comando do país e inicia uma série de mudanças, dentre as quais podemos citar a Medida Provisória nº 746/2016, que posteriormente, converte-se na Lei nº 13.415/2017, responsável por instituir o NEM. Dentre as

¹ Doutoranda em Letras pelo PPGL/UERN - Pau dos Ferros. Mestra em Ensino pelo PPGE/UERN - Pau dos Ferros.
E-mail: patricia.melo@ifpb.edu.br

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

principais mudanças advindas dessa nova legislação educacional, destacam-se a alteração da carga horária dessa etapa formativa, que passa de 800 horas para 1000 horas no final de cada ano, totalizando, assim, 3 mil horas no término do ciclo, e implicações substantivas do desenho curricular a ser organizado em dois eixos: 1800 horas para o currículo comum, a ser determinado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e 1200 horas para a parte diversificada, incluindo os componentes curriculares eletivos dos chamados itinerários formativos³.

A proposta dessa mudança teria como foco, conforme defendem os reformadores, tornar o ensino médio atraente e em sintonia com os desejos dos alunos, levando-se em conta apenas a organização curricular (Lima; Araújo, 2023). Nessa lógica, os discentes seriam responsáveis pelas escolhas dos seus itinerários formativos, a partir de identificações com as áreas do conhecimento e/ou com a formação profissional e tecnológica.

Ressaltamos, todavia, que isso ocorre num contexto em que os investimentos em educação passam a ser regidos pela Proposta de Emenda Constitucional nº 241/2016, conhecida como a PEC do teto de gastos, a qual limitou os gastos públicos por 20 anos e pela estrutura já defasada das instituições públicas brasileiras, pela formação deficitária dos docentes e pela ausência de professores formados para atuarem em áreas específicas, dentre outros problemas.

Emergem no coração do NEM interesses ligados ao mercado, pois grandes conglomerados educacionais vinculados ao setor privado estiveram na base da elaboração e proposição dessas mudanças. Embora as implicações neoliberais não sejam novidade na condução das políticas educacionais brasileiras, mesmo porque, conforme nos ensina Ball (2020), trata-se de um ideário global, corporificado, principalmente, nas avaliações em larga escala, na entronização da racionalidade empresarial no esteio da escola, é imperativo reconhecer o protagonismo de entidades e organizações da sociedade civil que atuam a serviço de instituições financeiras, de modo a inscrever nas políticas educacionais os anseios desses grupos.

Assim, a tese de que cabe ao discente escolher seu percurso formativo está numa relação de proximidade com a imagem do empreendedor de si, celebrado pela racionalidade neoliberal⁴. O discente, pois, seria livre para escolher que percurso formativo empreender, como se todas as instituições de ensino brasileiras tivessem as mesmas opções para proporcionar um vasto leque de itinerários formativos.

Considerando que a Reforma ocorreu a partir de uma Medida Provisória, sem diálogo com as entidades educacionais, com os profissionais da educação, com os alunos e com a sociedade civil, diversas reações contrárias a essa mudança ocorreram e vêm ocorrendo até os dias de hoje e configuram-se como estratégias de resistência ao desmonte da escola pública brasileira.

De acordo com Lima e Araújo (2023, p. 40), “Antes mesmo da sanção do então presidente Michel Temer, o Brasil registrou inúmeras manifestações contrárias a reforma, manifestações essas das quais se faziam presente estudantes e profissionais da educação”. Os

³ Os itinerários formativos dizem respeito à parte diversificada da reforma do NEM. Cabe ao discente escolher qual itinerário formativo cursar e compete aos sistemas de ensino a oferta de pelo menos dois itinerários por estabelecimento escolar. São cinco os itinerários, a saber: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Sociais e Humanas Aplicadas e Formação Técnica e Profissional.

⁴ A racionalidade neoliberal, conforme a leitura de Dardot e Laval (2016), é compreendida como uma forma de governar a conduta dos homens que não se limita somente sob o espectro da economia, mas se espalha por todas as áreas da sociedade, incluindo, assim, a esfera educacional.

autores aludem às ocupações estudantis em escolas de todo o país e que elucidam que essa reforma nunca teve o amplo apoio dos principais agentes por ela afetados: os membros da comunidade escolar.

Partindo desse apontamento, podemos aventar que essas estratégias de resistências, principiadas nas mídias sociais digitais e na imprensa, foram seminais para que, na atual gestão presidencial de Lula (PT), a implementação do NEM tenha sido temporariamente suspensa e o Ministério da Educação (MEC) tenha proposto uma consulta pública, por meio da Portaria nº 399, de 8 de março de 2023, com o objetivo de avaliar e reestruturar a Política Nacional do Ensino Médio. Até o término deste texto, a consulta tinha recebido pouco mais de 4 mil contribuições⁵.

No entanto, emergem variadas reivindicações no que toca a essa postura do governo e a urgência em implementar negociações políticas que possam revogar a Reforma do NEM, o que nos mostra que se trata de um campo em permanentes disputas, embates e conflitos.

Compreendemos, na perspectiva de Foucault (1995), que as estratégias de resistência estão intrinsecamente relacionadas às relações de poder. De acordo com o autor, só existe relação de poder, quando as possibilidades de resposta, de revoltas e de um campo de ação possível for ofertado. Na ótica de Foucault (2008a, p. 241), “Para resistir, é preciso que a resistência seja como um poder. Tão inventiva, tão produtiva, tão móvel, tão produtiva como ele”.

Nesse entendimento, situamos o foco deste estudo: analisar, por meio de uma leitura discursiva, os movimentos de resistência presentes no documentário NEM – Novo Ensino Médio: um fracasso anunciado, do cineasta argentino-brasileiro Carlos Pronzato. Para tanto, partimos da seguinte questão de pesquisa: como os movimentos de resistência presentificam-se em discursos do documentário NEM – Novo Ensino Médio: um fracasso anunciado, de Carlos Pronzato?

O referido documentário veio a público em maio de 2023, período em que o NEM encontra-se sob o escrutínio da opinião pública, conforme apontado anteriormente e pelo título da materialidade audiovisual, pode-se constatar que o objetivo reside em se contrapor à reforma, pondo-a em xeque, a partir de diversas vozes: discentes, profissionais da educação, ativistas, especialistas da área, dentre outros.

METODOLOGIA

O estudo desenvolvido, segue o prisma do método arqueogenealógico, elaborado a partir de reflexões de Michel Foucault (2008a; 2010)⁶ acerca da arqueologia do saber e da genealogia do poder. Cabe lembrar que esse pensador francês não idealizou um método no sentido lato do termo, mas as teorizações por ele desenvolvidas possibilitam-nos pensar numa perspectiva de análise que coaduna o discurso, compreendido como uma prática a construir os objetos de que fala (Foucault, 2010), com a analítica do poder, concebido sempre sob a ótica das relações, pressupondo, assim, as estratégias de resistência.

De acordo com Navarro (2020), os procedimentos metodológicos dos estudos discursivos foucaultianos compreendem as seguintes etapas: a) isolar a instância do acontecimento enunciativo não para conectá-lo com uma instância fundadora, uma autoria, mas

⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/reestruturacao-da-politica-nacional-de-ensino-medio>. Acesso em: 10 jul. 2023.

⁶ Foi um pensador francês que desenvolveu uma série de reflexões que perpassam variados campos do saber, como a psicologia, a história, as ciências sociais, o direito e a educação, dentre outros.

a outros enunciados; no caso do objeto de estudo, isso nos leva a ponderar sobre quais enunciados são recuperados no documentário, enunciados já ditos sobre as críticas à Reforma do NEM, enunciados produzidos pelos defensores da Reforma, dentre outros; b) recortar uma dada série enunciativa e observar como “[...] ela significa, produz, constrói saberes sobre o acontecimento” (Navarro, 2020, p. 18), o que nos levou a reunir os enunciados, de maneira a rastrear que saberes são mobilizados na construção dos discursos sobre o NEM; c) descrever que posições de sujeito estão presentes na constituição do acontecimento enunciativo, ou seja, perscrutar os lugares a partir dos quais os sujeitos ancoram-se para enunciar a respeito do NEM.

Seguindo essas orientações, analisamos alguns recortes extraídos do documentário NEM - Novo Ensino Médio: um fracasso enunciado (2023), com vistas a observar como os movimentos de resistência materializam-se nos discursos presentes nessa inscrição audiovisual. O documentário, com duração de 38 min, está hospedado no canal do cineasta Carlos Pronzato no YouTube⁷ e, conforme a descrição do vídeo, trata-se de uma produção independente, prática bastante comum no cenário brasileiro. Como assinalam Andrade e Côrtes (2021, p. 23), na ausência de financiamento público, “[...] os filmes nascem de iniciativas independentes, a partir de orçamentos modestos que cabem no bolso dos(a) organizadores (as), de acordo com o tema e as condições de produção”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o intento de alcançar o objetivo proposto neste trabalho, extraímos alguns enunciados do documentário em questão, organizando-os em séries, para efeitos de análise dos principais posicionamentos discursivos presentes. Para tanto, registramos os nomes e lugares sociais dos enunciadore, visto que o material ora referido encontra-se disponível para o livre acesso na internet.

Ademais, essa identificação mostra-se importante para a análise, haja vista pensarmos, na perspectiva de Foucault (2010), que os sujeitos mobilizam saberes, vinculam-se a lugares institucionais, a fim de enunciarem de uma dada forma e não de outra. Portanto, compreendemos que o discurso é constitutivo do lugar social de onde fala o sujeito enunciadore.

A seguir, numa primeira série de enunciados, destacamos as falas de professores pesquisadores da área de educação, docentes da educação básica e gestores escolares, os quais se encontram insatisfeitos com os rumos do NEM:

Ela [A Reforma] gera uma humilhação para os professores que se formam, passam toda uma vida formativa para lecionar um conjunto de disciplinas com especialidade, então sendo levados a lecionar disciplinas completamente estapafúrdias. (Daniel Cara - professor e pesquisador da Faculdade de Educação da USP/ 1min:08s).

E a reforma do ensino médio vai deixar de existir porque os alunos não aguentam a reforma. (Daniel Cara - professor e pesquisador da Faculdade de Educação da USP/ 1min:45s).

Viu? É que tem que ter. É professores de artes e especialistas em arte Na escola que o professor precisa ter uma jornada é menor em salas de aula e tem um preparo para ser, de fato um professor e pesquisador. Então a

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JaxUs_6VG7k&t=11s. Acesso em: 28 maio 2023.

reforma se dá meramente do campo, do currículo e um currículo que precariza (Isaac Moutinho - Diretor da Escola Vereador Antonio do RE/Guarulhos - 03min:39s).

Diziam que o estudante era mais atrativo. A reforma do ensino médio, na verdade, está criando uma aversão. (Márcio Alves de Oliveira - Professor do IFSP/09min:21s).

Então, nesse sentido, ao invés, é de provocar uma mudança que provoque a melhoria da qualidade de ensino, porque essa foi a promessa, é dos reformadores. Melhorar a qualidade de ensino, diminuir a evasão é escolar e a repetência ela está se tornando um fator ao contrário. (Isaac Moutinho - Diretor da Escola Vereador Antonio do RE/Guarulhos - 09min:24s).

Nessa primeira série, manifestam-se discursos sobre as dificuldades que os professores enfrentam para lecionar em disciplinas que não fizeram parte de sua formação, em razão das mudanças curriculares provenientes da reforma, bem como o desestímulo sentido pelos discentes. Ao denunciar essa situação deveras complexa, os discursos que se manifestam no documentário de Pronzato (2023) articulam-se às estratégias de resistência que buscam confrontar o efeito de consenso dos defensores da reforma e demonstrar as consequências danosas do NEM no cotidiano dos agentes educacionais.

Consoante Zanella e Trevisol (2018), um dos grandes desafios da reforma é ter uma geração de alunos cujos professores não estão preparados para efetuar aquilo que o texto da lei preconiza. Some-se a isso, os problemas estruturais das escolas brasileiras e a ausência de formação efetiva para a implantação do NEM. Tais aspectos são discursivizados nas vozes que enunciam no documentário por meio do emprego de termos como *aversão*, *precariza*, *estapafúrdias*, *humilhação*, dentre outros, os quais exprimem posicionamentos de crítica ao NEM, de embates e confrontos em relação ao discurso oficial e às políticas de currículo (Costa; Oliveira, 2023).

Importa também destacar como esse discurso oficial é retomado pelos sujeitos do documentário. De acordo com o professor Márcio Oliveira, “diziam que para o estudante era mais atrativo” e, conforme o diretor Isaac Moutinho, havia “uma promessa por parte dos reformadores”. O discurso oficial é, portanto, retomado com vistas a ser refutado, pois buscava-se, pela reforma, preconizar uma variedade de opções para os discentes, de modo a tornar o ensino médio arrojado, interativo e interessante e, com isso, visava-se a atenuar os índices de evasão e repetência, o que não está ocorrendo, segundo os posicionamentos defendidos no documentário em estudo.

Na série seguinte, destacamos posicionamentos de alguns estudantes no tocante à reforma do ensino médio:

Eles, se nenhum estudante hoje se vê representado no ensino médio, nenhum estudante aguenta essas aulas, não é? E que inclusive os estudantes falam de largar a escola, porque eles não vão conseguir emprego por causa do novo ensino médio (Pedro Henrique - Representante da Federação Nacional dos Estudantes em Ensino Técnico FENET/08min:43s).

É preciso pensar também que essa proposta de um novo ensino médio foi pintada para os estudantes e vendido para nós mesmo como uma proposta da

oitava Maravilha do mundo, mas na verdade, nós somos enganados, né? (Sabrina Ferreira Santos - Presidente do DCE do IFSP - 11min:02s).

É notória a ausência de identificação dos discentes com a proposta do NEM, pois não houve debates com a comunidade escolar. Os alunos relatam sentirem-se enganados, sem perspectivas quanto ao futuro e considerando, até mesmo, saírem da escola. Importa mencionar que se trata de discentes que representam organizações estudantis, denotando, pois, uma postura combativa e de engajamento em relação a essa classe, fortemente afetada pela reforma. Assim, Pedro Henrique comenta que “nenhum estudante aguenta essas aulas” e Sabrina Ferreira complementa que o NEM foi concebido como “uma proposta da oitava maravilha do mundo”.

Nesses dois posicionamentos, ficam em relevo a insatisfação dos alunos frente ao processo de implementação do NEM e o desejo de mudança, supondo, pois, movimentos de resistência, de uma resposta possível, de uma atuação em prol de uma educação de qualidade. Segundo Braga e Sá (2020, p. 10-11), convém pensar a nossa forma de organização social “[...] não a partir da coerção que eles nos impõem ou da opressão a que eles nos induzem, mas a partir de rotas de fuga, dos lugares de oposição e reação que nos são possíveis”.

Conforme salientam Goulart e Cássio (2021), o NEM foi apresentado aos estudantes como um modelo self-service, no qual cada um poderia escolher as disciplinas de seu interesse, ofertando um cardápio de possibilidades e aparentando uma suposta liberdade de escolha por parte do discente.

Por outro lado, o NEM é considerado um engodo, visto que grande parte das escolas públicas brasileiras não oferecem nem a estrutura, nem o número de professores com a formação adequada para os itinerários propostos. A partir do que enunciam acima os estudantes, podemos entrever estratégias de resistência que se corporificam na denúncia acerca do caráter desvinculado da proposta com a realidade escolar do país, ao qual acrescentamos que: “[...] O NEM permite aos governos ‘resolverem’ o problema histórico da falta de professores licenciados na área em que lecionam - Física, Química, Sociologia e Filosofia são exemplos clássicos - por meio da supressão da demanda” (Goulart; Cássio, 2021, p. 01).

Assim, reafirmamos a desconexão existente em uma reforma proposta por quem não conhece a realidade escolar, consoante o excerto a seguir, o qual resgata, por meio da história, políticas educacionais precedentes.

O Brasil viveu uma coisa parecida, uma reforma completamente feita por quem nunca pisou numa escola pública. Começa a reforma do ensino médio, que foi a lei 5.692, de 1971, na época da linha dura da ditadura militar no Brasil e mesmo na ditadura militar, eles não conseguiram sustentar porque a realidade se impõe. (Daniel Cara - professor e pesquisador da Faculdade de Educação da USP/ 31min:38s).

Conforme enuncia Daniel Cara, o NEM encontra eco em reformas como a Lei nº 5.692/1971, sancionada na época da ditadura civil-militar brasileira, e que desencadeou diversas estratégias de resistências⁸. Por meio do domínio associado (Foucault, 2010), o posicionamento

⁸ De acordo com Lima et al. (2022), a Lei nº 5.692/1971 institui as diretrizes e bases do primeiro e segundo graus, hoje correspondentes ao ensino fundamental e médio. Tal instrumento normativo estabeleceu um ensino profissionalizante universal e esbarrou numa série de problemas, como ausência de professores, a falta de adesão

assumido pelo professor e pesquisador busca elucidar que, na história educacional brasileira, reformas com viés autoritário e sem o devido diálogo com a sociedade tendem a engendrar reações e contracondutas.

Na lei referida por Cara, de acordo com Resende (2020, p. 49-50), a reforma do ensino de 1º e 2º graus era justificada, “[...] uma vez que não se destinaria para a formação técnica, dispensando a formação universitária que não poderia e nem deveria ser estendida a todos”. Disso decorre o paralelo com a reforma do NEM, haja vista de que o fato de esta também gerar uma formação dual e fragmentada.

De acordo com Foucault (2016), discursos prescritivos que assumem o lugar do verdadeiro (a exemplo da legislação educacional) nunca são implicados pela realidade das coisas de que fala, mas são atravessados por acontecimentos históricos singulares, por jogos de verdade a serem restituídos.

Assim, tais jogos de verdade põe em cena interesses políticos, econômicos e sociais. E, desse modo, de modo análogo à reforma aludida por Daniel Cara, no NEM, as desigualdades tendem a ser ampliadas, aumentando ainda mais o fosso existente entre o ensino público e a educação privada e a dualidade histórica do ensino médio brasileiro (Carvalho; Cavalcanti, 2022). Isso porque a conjuntura que permeia o NEM recém-implantado é estreitamente influenciado pelos interesses neoliberais, conforme podemos depreender dos enunciados que seguem:

O Itinerário formativo do jeito que está sendo implementado não precisa de formação disciplinar. Você precisa de coach, é instrutor tarefeiro (Márcio Alves de Oliveira - Professor do IFSP/07min:00s).

Poder repensar sobre como é que um único professor consegue hoje atender mais de 20 salas de aula, assim como é que consegue atender mais de 20 turmas numa semana. com que condições também de ensino que esse professor consegue oferecer para os estudantes (Sabrina Ferreira Santos - Presidente do DCE do IFSP - 12min:31s).

Em termos de curto prazo, ele é muito relevante no longo prazo, que é formar o indivíduo neoliberal, aquele que acredita que é empreendedor de si mesmo, aquele que acha que é. Ele é sócio, por exemplo, ele é motorista de aplicativo, é sócio de uma empresa de aplicativo como como Uber ou como qualquer outra, né? É, ou como iFood, por exemplo, quando ele é um entregador, não é de comida. Então, concretamente, é até interessante observar, iFood é financiadora de fundações empresariais e é apoiadora da reforma do ensino médio (Daniel Cara - professor e pesquisador da Faculdade de Educação da USP/ 24min:20s).

E, principalmente, com esse novo processo de precarização da educação, tem minado as nossas possibilidades de sonhar, de entrar dentro de uma universidade, de poder, ter um trabalho que a gente deseja e o que está sendo colocado aqui para a nossa Juventude.

Que o Brasil não aproveita e que deveria aproveitar, não entende nada de educação e essa reforma foi feita por pessoas que nem sabiam o número de escolas de ensino médio. Brasil tem nem a quantidade de salas de aula que

por parte de instituições privadas ao viés profissional, a dificuldade do acesso dos estudantes da classe trabalhadora ao ensino superior, dentre outras consequências igualmente danosas.

estão disponíveis para implementar os itinerários formativos (Sabrina Ferreira Santos - Estudante e Presidente do DCE do IFSP -24min:25s).

Eu vejo o Luciano Huck da vida defendendo o novo ensino médio. Cara empresário, cara o cara, inclusive com a miséria dos outros fazendo post no Twitter, é se colocando a favor de novo ensino médio (Jefferson Santana de Jesus - Professor da Escola Prof. Luís Magalhães de Araújo/22min:17s).

Esse é um projeto da elite. Esse é um projeto para criar um apartheid⁹ educacional ainda mais profundo que já existe no nosso país (Hamed Mauch Bittar - Conselheiro Estadual APEOESP- Campinas/19min:21s).

Pelas regularidades acima explanadas, vislumbramos a estreita conexão dos interesses de grupos empresariais com a construção da proposta do NEM. Segundo o posicionamento do docente Márcio Alves, o modo como a parte diversificada do currículo está sendo conduzida prescinde a figura do professor, o que torna o ensino desvinculado de uma proposta efetivamente formativa.

Ao mencionar os termos *coach*, *instrutor* e *treineiro*, assume-se um discurso segundo o qual ocorre um processo de desprofissionalização da docência no esteio do NEM e a emergência de personagens alheios ao ambiente educativo, representativos de uma cultura corporativa e empresarial típica da racionalidade neoliberal. Reforça esse entendimento, o dizer da discente Sabrina Ferreira, para quem o NEM não leva em consideração o trabalho excessivo do docente que precisa atender a um número elevado de discentes. Além disso, é importante recuperar o discurso de Daniel Cara, pois delata que interesses econômicos balizam a reforma e como empresas que investem fortemente na ideia de que todos podem ser empreendedores subsidiam a identidade do NEM.

Em relação à questão do empreendedor de si, vale destacar a reflexão feita por Dardot e Laval (2016), os quais apontam que o neoliberalismo defende, dentro do jogo do mercado, que os indivíduos sejam educados a governarem-se como empreendedores, modificando-se, assim, todas as relações humanas, sendo tratadas como relações meramente mercadológicas, empenhando-se em mudar o próprio homem, tendo em vista que a economia está em constante movimento e a adaptação deve ser uma tarefa constante (Laval, 2020). Sobre isso, Foucault (2008b) faz referência ao *homo economicus*, ao concluir que o indivíduo só vai tornar-se governamentalizável na medida em que possa ser compreendido como empresário de si, aplicando essa compreensão, inclusive, no âmbito da formação escolar. Destarte, Ramos e Paranhos (2022) problematizam a função da escola no interior do regime neoliberal:

A função da escola torna-se, essencialmente, preparar estudantes para um mundo incerto, para a flexibilidade e a empregabilidade - no lugar da promessa do emprego, a expectativa de tornar as pessoas 'empregáveis' mediante o desenvolvimento de personalidades flexíveis e resilientes. A 'chave' para isto seria o deslocamento da referência dos currículos baseados nas ciências e nas disciplinas escolares para as competências. Se o individualismo, a instabilidade e a flexibilidade são expressões da nova cultura desse tempo, a crise da ciência, por sua vez, é uma manifestação de uma

⁹ Trata-se de um regime de segregação racial implantado na África do Sul entre 1948 e 1994.

virada epistemológica de caráter pós-moderno (Ramos; Paranhos, 2022, p. 80).

A mudança do papel da instituição escolar na formação dos sujeitos expõe a necessidade de formar apenas mão de obra de acordo com os interesses do mercado, retirando dos jovens a possibilidade de alcançar outros patamares como a universidade, por exemplo. Ainda, segundo os citados autores, “A flexibilidade, a precariedade aliadas à crise ético-política da contemporaneidade, não atingem somente estudantes, mas também educadores/as e a sociedade em geral. Este é o projeto da nova sociabilidade do capital” (Ramos; Paranhos, 2022, p. 83).

No documentário em foco, importa chamar a atenção para a crítica feita pelo docente Jefferson Santana, quando lembra quem apoia publicamente a continuidade da reforma – Luciano Huck. Conforme o discurso do docente, a classe empresarial tende a defender a reforma, pois esta atende aos anseios do capitalismo financeiro. Uma vez mais, vale salientar como esses discursos do documentário pavimentam o caminho da resistência, porque questionam, confrontam e evidenciam as contradições do NEM, pondo em suspensão as certezas e as vontades de verdade dessa política educacional. O mesmo aplica-se ao posicionamento de Hamud Mauch, conselheiro do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do estado de São Paulo, quando reitera o projeto elitista de que o NEM é constituinte, implicando, com isso, no agravamento das desigualdades educacionais, de modo a gerar um “apartheid” na educação brasileira.

No documentário ora analisado, estão presentes discursos tanto em relação às mudanças na proposta da reforma quanto na necessidade de revogação, considerando ser uma política implantada de modo vertical e sem discutir com a comunidade escolar, como é possível observar nos enunciados adiante expressos.

A gente precisa ter uma revogação que seja para ontem assim, né? Inclusive, nós temos levantado uma Bandeira muito importante de que nós precisamos voltar a ocupar as ruas e conquistar tudo aquilo que é nosso que a Juventude não vai aceitar. Os estudantes não vão aceitar que as suas escolas sejam fechadas, que sejam precarizadas, que os nossos sonhos sejam destruídos (Sabrina Ferreira Santos - Estudante e Presidente do DCE do IFSP - 31min:02s)

O novo ensino médio não é uma proposta que visa melhorar a vida dos alunos da classe trabalhadora. O novo ensino médio visa consolidar o tipo de mão-de-obra que o capitalismo atual precisa. Nos países semi-independentes, como o Brasil. Nesse sentido, a única política possível hoje para a classe trabalhadora é a revogação do novo ensino médio (Professor José Geraldo Correa (Geraldinho)/30min:07s).

Não fazer adendos naquilo que não dá para dar, mas revogar, revogar a reforma trabalhista, revogar o teto dos gastos, revogar o ensino médio e isso só se faz com mobilização popular intensa nas ruas (Márcio Alves de Oliveira - Professor do IFSP/30min:31s).

Eu tenho participado dos atos e eu tenho me surpreendido com a força de vontade que os estudantes têm de estar na rua, de faltar na escola, porque

entende que é necessário, tá na rua pra lutar contra a reforma, né? A gente tem visto uma adesão muito grande aos movimentos contra o novo ensino médio (Felipe Manfredini – Presidente da Associação Regional de Estudantes Secundaristas – ARES do ABC Paulista/28min:18s).

Inclusive quando teve as ocupações, de 2015. Os estudantes queriam um novo modelo de escola, só que daquele movimento para hoje. Eles não foram escutados (Jefferson Santana de Jesus – Professor da Escola Prof. Luís Magalhães de Araújo/28min:39s).

Dos atos estudantes que vêm nos últimos 3 meses, atos estudantes de professores em todo o país, nas capitais de todo o país, né? Já surtiu efeito. Houve uma suspensão dessa desse projeto, né? Da implantação do novo e velho ensino médio? Mas a pressão tem que continuar (Hamed Mauch Bittar – Conselheiro Estadual APEOESP- Campinas/27min:18s).

A partir de tais enunciados, identificamos regularidades discursivas que defendem veementemente a revogação no NEM e convocam um movimento para a volta da ocupação das ruas, como os que ocorreram em meados de 2015 e de 2016. Tais movimentos permitiram trazer à tona a potência política das resistências, da ocupação dos espaços públicos, fazendo transitar os efeitos do poder, razão pela qual são lembrados e defendidos pelos sujeitos que enunciam no documentário de Pronzato (2023). De acordo com Gallo (2017), a militância dos estudantes secundaristas desencadeia um trabalho de cada um sobre si, abrindo o terreno para deslocamentos, vivências outras e espaços de liberdade.

No discurso dos estudantes Sabrina Ferreira e Felipe Manfredini, é possível rastrear esse trabalho ético e político. Para a primeira, convém “ocupar as ruas e conquistar tudo que é nosso”; para o segundo, é premente “tá na rua para lutar contra a reforma, né?”. Conforme Sabrina Ferreira, importa lutar, a fim de que “os sonhos não sejam destruídos”. Esse dizer entra numa rede de outros enunciados já produzidos e dizem respeito à reivindicação de jovens ativistas, como Greta Thunberg, defensora mundialmente conhecida da causa ambiental.

Certamente, o exemplo dessa jovem serve de estímulo para outras lutas, como a busca por justiça social e educação de qualidade. Na leitura de Oliveira, Breder e Fonseca (2021, p. 342), as ocupações estudantis levaram os jovens a compreender como “[...] as engrenagens do poder estatal funcionam e interferem na realidade cotidiana, descobrindo estratégias para se fazer ouvir frente aos governantes e diante da população”.

Concebemos, na perspectiva de Foucault (1995), que toda relação de poder implica, de maneira recíproca, estratégias de luta, práticas de insubmissão e confrontos. Seguindo esse entendimento, podemos observar no documentário certas táticas que buscam sobrepor-se às relações de poder ocasionadas em razão da reforma do NEM. Na visão da discente Sabrina Ferreira, temos a argumentação em defesa da revogação do NEM, considerada urgente, conforme esse posicionamento da classe estudantil. Importa pensar que se trata de um discurso representativo de um grupo diretamente atingido pela reforma.

Tal posição também é partilhada pelo docente José Geraldo Correia, segundo o qual a revogação mostra-se como a “a única política possível”. O professor Márcio Alves, por sua vez, pontua a urgência em revogar não somente o NEM, como todas as demais reformas empreendidas no contexto posterior ao impedimento da presidenta Dilma Rousseff (PT). Em todos esses discursos, podemos frisar o funcionamento das estratégias de resistência, pois

recusam-se as condutas preconizadas pela reforma, a favorecer uma formação aligeirada por meio da mão de obra precarizada e, com isso, manter as discrepâncias educacionais.

Na tessitura enunciativa do documentário, reconhece-se que o modelo de ensino proposto pelo NEM não apresenta condições de melhorias e pleno desenvolvimento para os estudantes filhos da classe trabalhadora, apenas propague atitudes de aceitação e de comodismo. Conforme aponta Faria (2021, p. 22), “O resultado visado é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo, eliminando qualquer percepção de alienação e diminuindo a distância entre o trabalhador e a empresa”.

A enganosa ideia de autonomia impregnada pelo empreendedorismo de si apenas corrobora para que as várias gerações das classes trabalhadoras continuem sendo domesticadas para servirem aos interesses elitistas. Nesse sentido, Dardot e Laval (2016) refletem sobre a questão ao expressarem que, para a lógica de mercado:

Somos todos empreendedores, ou melhor, todos aprendemos a ser empreendedores. Apenas pelo jogo do mercado nós nos educamos a nos governar como empreendedores. Isso significa também que, se o mercado é visto como um livre espaço para os empreendedores, todas as relações humanas podem ser afetadas por essa dimensão empresarial, constitutiva do humano (Dardot; Laval, 2016, p. 148).

No dizer desses autores, emerge uma ideia de liberdade de escolha criada para governar a vontade dos indivíduos em todas as esferas de sua vida, inclusive na esfera escolar. Como assinalam Vasconcelos, Magalhães e Martinelli (2021, p. 13), “Nunca a noção de meritocracia foi tão destacada, afinal, as ideias predominantes propagam a visão de que a conquista do direito de receber um salário está diretamente condicionada ao mérito e à competência do sujeito”.

Ademais, é importante ressaltar que o NEM não leva em consideração as diversas dificuldades e realidades enfrentadas pelos estudantes no país. Tal modelo baseia-se na meritocracia, responsabilizando o sujeito pelo sucesso profissional, ou não, dependendo apenas do esforço de cada um.

Dessa maneira, estamos vivendo um momento de relativa fluidez, movimento característico da nova razão do mundo alicerçada nos ditames neoliberais, como pontuam Dardot e Laval (2016), a política neoliberal trabalha para mudar o próprio indivíduo, tendo em vista que a economia está em constante movimento e a adaptação é uma tarefa constante, o que inevitavelmente acaba permeando todas as esferas da vida humana e a educação, portanto, não passa ao largo dessas intervenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, objetivamos analisar, por meio de uma leitura discursiva, os movimentos de resistência presentes no documentário NEM - Novo Ensino Médio: um fracasso anunciado, do cineasta Carlos Pronzato (2023), com o intuito de averiguar os posicionamentos discursivos assumidos nesses dizeres e o funcionamento de estratégias de resistência diante da racionalidade neoliberal responsável por moldar subjetividades flexíveis, resilientes e em consonância com os anseios do mercado.

A análise permitiu-nos constatar a existência de posicionamentos, tanto de docentes quanto de estudantes e gestores escolares, apontando insatisfações que os fazem ser contrários à

reforma do NEM, bem como favoráveis à sua revogação, tendo em vista ser uma proposta com viés socialmente excludente e que não dialogou com os membros da comunidade escolar.

Dentre os principais posicionamentos identificados, os quais podem fazer funcionar estratégias de resistência, vale destacar: a) a denúncia da situação calamitosa dos docentes, que são levados a ministrar disciplinas sem nenhuma articulação com a sua área de atuação; b) a ausência de identificação dos discentes em relação ao NEM, de modo a delinear que o *modus operandi* empregado na construção da reforma não encontra condições de existência no chão da escola; c) a articulação da reforma com o empresariado e, com isso, as inflexões da racionalidade neoliberal podem ser flagradas na crítica empreendida pelos sujeitos enunciadores no documentário; d) o chamamento da sociedade para se identificar com a posição de luta de enfrentamento a essa política educacional, a partir de manifestações e ocupações.

Assim, o novo modelo de ensino foi colocado como algo inovador e que permitiria aos alunos maior protagonismo e autonomia na escolha dos itinerários formativos a serem cursados. Todavia, não levou em consideração a realidade da maioria das escolas da rede pública brasileira que apresentam limitações em relação à estrutura, à formação e à quantidade insuficiente de docentes, além de não considerar as diversas realidades sociais dos estudantes.

Em resumo, docentes e discentes mobilizaram posicionamentos de discordância com o NEM e como forma de resistência vem ganhando força a convocação de um movimento de retorno às ruas para protestarem e pedirem a sua revogação. Nessa lógica, acreditamos ter atingido os propósitos do presente trabalho; entretanto, destacamos a importância de outros estudos com o intuito de examinar, prioritariamente, os movimentos das resistências e a atuação do governo federal diante do cenário que está posto quanto ao futuro do ensino médio no Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/13415.htm. Acesso em: 22 jun. 2022.

BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. Apresentação: encampar a resistência possível. In: BRAGA, Amanda; SÁ, Israel de. (Orgs.). **Por uma microfísica das resistências**: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 7-20.

ANDRADE, Matheus José Pessoa de; CORTÊS, Gisele Rocha. **Documentário cinematográfico e lugar de fala**: lutas, narrativas e resistências no filme *Meu nome é Jacque*, Letras e Letras, Uberlândia, v. 36, p. 14-29, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/50692/30310>. Acesso em: 29 maio 2023.

BALL, Stephen. **Educação Global S/A**: novas redes e o imaginário neoliberal. Trad. Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2020.

CARVALHO, Celso de Prado Ferraz; CAVALCANTI, Fabio. O Novo Ensino Médio Paulista: velhas propostas de manutenção da dualidade estrutural e da precarização do ensino, **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 7, e7317, 2022. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/7317/6919>. Acesso em: 22 jan. 2023.

COSTA, Eliane Araújo Xavier; OLIVEIRA, Meyre-Ester Barbosa de. BNCC e atuação docente: uma política em cena. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 5, e510457, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/10457>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2014.

FARIA, Clara Chaves Marques. **A construção do sujeito neoliberal na reforma do ensino médio**: currículo, projeto de vida e empreendedorismo. 2021. 87 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Sociologia, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/29493/1/2021_ClaraChavesMarquesFaria_tcc.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DEYFRUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto-Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France: (1978-1979). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France: (1980-1981). Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

GALLO, Sílvio. Insurreições escolares? In: RAGO, Margareth; GALLO, Sílvio (Orgs.). **Michel Foucault e as insurreições**: é inútil revoltar-se? São Paulo: Capes, Fapesp, CNPq, Intermeios, 2017. p. 311-324.

GOULART, Débora; CÁSSIO, Fernando. **A farsa do ensino médio self-service**. Le Monde Diplomatique Brasil. Brasília. 12 ago. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-farsa-do-ensino-medio-self-service/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. Trad. Márcia Pereira Cunha e Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante, 2020.

LIMA, Jardson Souza de; ARAÚJO, Karlane Holanda. Pós-golpe: o ataque neoliberal na política de reforma do “Novo” Ensino Médio. In: COSTA, Anderson Gonçalves; ARAÚJO, Karlane Holanda (Orgs.). **Políticas educacionais**: repercussões e dissonâncias. Porto Alegre: Editora Fi, 2023. p. 38-58.

LIMA, Maria José Marques de; SILVA, Carlos Manuel Ribeiro da; ALBUQUERQUE, Luiz Botelho; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. A construção do currículo no Brasil em meio a dilemas e resistências, **Conjecturas**, s.l., n.10, v. 22, 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1556>. Acesso em: 02 set. 2023.

NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos, **MOARA - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, Belém, n. 57, v. 1, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/9682>. Acesso em: 10 abr. 2022.

NEM - NOVO ENSINO MÉDIO - um fracasso anunciado. Direção de Carlos Pronzato. São Paulo: La Mestiza Audiovisual, 2023. (38 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JaxUs_6VG7k. Acesso em: 11 jul. 2023.

OLIVEIRA, Rafael Bastos Costa de; BREDER, Débora; FONSECA, Mirna Juliana Santos. “Acabou a paz! Isto aqui vai virar o Chile!”: percursos pedagógicos e resistência nas ocupações estudantis, **E-curriculum**, São Paulo, v. 19, n.1, p. 323-347, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44657/34917>. Acesso em: 10 jan. 2022.

RAMOS, Marise; PARANHOS, Michelle. Contrarreforma do ensino médio. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 16, n. 34, p. 71-88, 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1488>. Acesso em: 29 jun. 2023.

RESENDE, Haroldo de. Segurança e desenvolvimento: a educação como dispositivo de biorregulação no período militar. In: RESENDE, Haroldo de (Org.). **Repensar a história da educação, pensar a política na história da educação**. São Paulo: Intermeios, 2020. p. 37-54.

VASCONCELOS, Carolina de Moura; MAGALHÃES, Carlos Henrique Ferreira; MARTINELLI, Telma Adriana Pacífico. A influência neoliberal nas políticas educacionais brasileiras: um olhar sobre a BNCC. **Eccos - Revista Científica**, São Paulo, n. 58, p. 1-18, e10726, jul./set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n58.10726>. Acesso em: 11 jul. 2023.

ZANELLA, Tânia; TREVISOL, Maria Teresa Ceron. Projeto de vida e processos de ensino-aprendizagem: compreensão dos alunos do ensino médio. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 17, n. 34, p. 107-130, 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/8928>. Acesso em: 16 maio 2023.

Submetido em: 26/01/2024

Aprovado em: 21/03/2024

Publicado em: 20/06/2024